

Perfil dos Usuários em Atendimento Psicológico na Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA de Ipatinga, no Primeiro Semestre de 2015.

Israel Tainan Lima e Chaves¹; Amália Efigênia Guerra²; Amanda Godoy Damasceno³; Ana Lúcia da Mata Marques⁴; Andreza Teles de Oliveira⁵; Francine Almeida⁶; Laysa Emanuelle⁷; Mariana Moreira Benevides⁸; Michelly Lopes Duarte⁹; Maria da Penha Procópio Oliveira¹⁰; Natália Souza Silva¹¹; Priscila Kely Martins¹²; Rúbia Júlia de Oliveira Marciano¹³; Tatiane Mendes Vieira¹⁴; Jeceni Alcina Gonçalves Lopes¹⁵.

Resumo

O presente estudo tem por finalidade fazer o levantamento do perfil dos usuários em atendimento psicológico na Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA de Ipatinga. Para o levantamento deste perfil utilizou-se um questionário semiestruturado que buscou investigar variáveis - sobre o estagiário: idade, sexo e abordagem teórica; sobre os clientes: gênero, idade, período de permanência em atendimento, fonte de encaminhamento, queixa, diagnóstico e uso de medicamentos e sobre a família dos clientes: estrutura de família e qualidade da participação no tratamento. A pesquisa foi realizada com 53 estagiários/alunos do 8º ao 10º período do curso de Psicologia da Instituição, sendo possível obter dados de 97 clientes em atendimento. Através deste estudo foi possível identificar uma clientela atendida predominantemente por estagiários do sexo feminino, de 20 a 29 anos de idade, com maioria na abordagem Cognitiva. Sobre os clientes são predominantemente do sexo feminino, com faixa etária de 06 a 15 anos de idade, estando em primeiros atendimentos, encaminhados espontaneamente, com queixas de dificuldades no relacionamento familiar e outras não específicas, sem diagnóstico, sem utilização de medicação, componente de família nuclear simples, cuja participação é boa ou ótima no processo terapêutico.

Palavras-chave: Clínica-Escola; atendimento psicológico; perfil dos usuários.

Abstract

This study aims to make users' profile survey in psychological care in the School-Clinic of the Faculty ÚNICA of Ipatinga. To survey this profile was used as lines of research variables: on the trainee: age, sex and theoretical approach; about clients: gender, age, length of stay in care, referral source, complaint, diagnosis and medication use and the customer family: family structure and quality of participation in treatment. The survey was conducted with 53 trainees / students from the 8th to the 10th period of the course of the Institution Psychology, and you can get data from 97 guests in attendance. Through this study was possible to identify a clientele predominantly female trainees, 20-29 years old, with most in Cognitive approach. About the customers are predominantly female, aged 06-15 years old, standing in initial care, sent spontaneously, with complaints of difficulties in family relationships and other non-specific, without diagnosis, without the use of medication, component simple nuclear family, whose participation is good or excellent in the therapeutic process.

Keywords: School-Clinic; psychological care; customer profiles.

¹ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

² Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

³ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

⁴ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

⁵ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

⁶ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

⁷ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

⁸ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

⁹ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

¹⁰ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

¹¹ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

¹² Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

¹³ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

¹⁴ Acadêmicos do 10º período do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

¹⁵ Psicóloga, especialista em Psicopedagogia, Mestre em Psicologia Ambiental, coordenadora e docente do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga e orientadora da pesquisa.

Introdução

Em Psicologia, os serviços prestados por Clínicas-Escolas no Brasil têm início a partir da história dos cursos de Psicologia e da regulamentação da profissão no país em 1962, pela Lei nº 4.119 (AMARAL, LUCA, RODRIGUES et al., 2012).

A definição de Clínica-Escola passa pela descrição de

um ambiente associado a uma instituição de ensino, no qual o aluno completa a sua formação ao realizar a prática clínica, sob a orientação de um professor/supervisor. Esta tem o objetivo de promover ações e procedimentos que possibilitem o ensino e a pesquisa, contribuindo para a formação do aluno, ao mesmo tempo em que ele atende à comunidade (GAUY, FERNANDES, 2006, p.401).

Desse modo, compreende-se que a Clínica-Escola cumpre um papel de suma importância nas instituições de ensino na atualidade, sendo essencial à formação do aluno, que através dela tem a oportunidade de associar teoria e prática, exercitando a sua formação técnica. Esse serviço também contribui com a sociedade ao prestar atendimento psicológico à comunidade geral, especialmente à população de baixo poder aquisitivo, (AMARAL, LUCA, RODRIGUES et al., 2012), cumprindo a responsabilidade social tão exigida no cenário institucional contemporâneo.

Os objetivos da Clínica-Escola perpassam, portanto, tanto pela questão do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, quanto pelo atendimento à saúde pública, sendo que os atendimentos psicológicos ofertados nesse contexto ensejam “reflexões de natureza teórica, de pesquisa e de prática de modo crescente” (SIMONE, SAMPAIO, OLIVEIRA, et al., s/d).

Diante da importância da Clínica-Escola nos espaços acadêmico e social, levando-se em consideração que o aluno de Psicologia deve acompanhar as novas realidades e demandas sociais, políticas e culturais atuais (HERZBERG, 1999 *apud* AMARAL, LUCA, RODRIGUES et al., 2012), propõe-se, nesse trabalho, caracterizar e analisar o perfil dos usuários que estão em atendimento psicológico na Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA de Ipatinga, no primeiro semestre de 2015.

De acordo com Maravieski e Serralta (2011), em referência à Silvaes, Meyer, Santos et al. (2006), “o levantamento das características da população a quem se destinam os serviços de atendimento de uma instituição é o primeiro passo para torná-los mais eficientes”. Ainda de acordo com as mesmas autoras, é a partir desse levantamento da clientela e das necessidades apresentadas “que se pode determinar *quando, onde e, especialmente, como* atender os que procuram ajuda” (MARAVIESKI & SERRALTA, 2011).

Encontramos também a importância de se realizar esse trabalho, em Salina e Santos (2002) *apud* Cunha e Benetti (2009), quem dizem ser essencial avaliar os dados que permeiam o processo terapêutico, como as características dos clientes, para que seja possível identificar as reais necessidades de atendimento psicológico buscado pelo público que acessa esse serviço.

Compreendemos ainda, a partir de Cunha e Benetti (2009), que “estudar, questionar e conhecer sua clientela é uma forma de introduzir neste espaço investigações voltadas para a clínica psicológica”, o que pode ser entendido como uma habilidade necessária à formação crítica, reflexiva e personalizada do profissional em psicologia sobre a realidade social a fim de que ele possa conhecer, avaliar, planejar e

atuar sobre o público que lhe procura, com a finalidade de integrar ensino, pesquisa e extensão.

Logo, a relevância da presente pesquisa justifica-se na medida em que compreende-se ser necessário conhecer a clientela que busca atendimento psicológico na Clínica-Escola da Faculdade supracitada, através da análise dos dados fundamentais que, por sua vez, poderão servir de subsídio à avaliação dos atendimentos clínicos prestados, à organização e planejamento dos serviços, como também “para a prevenção de uma situação importante identificada nos trabalhos que é o abandono terapêutico” (CUNHA & BENETTI, 2009).

A pesquisa foi realizada através de questionário estruturado, com estagiários dos 8º, 9º e 10º períodos do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga, os quais prestavam atendimento psicológico na Clínica-Escola da Instituição no momento da entrevista. Foram coletados dados sobre o estagiário (gênero, idade e abordagem teórica), sobre os clientes (gênero, idade, período de atendimento, fonte de encaminhamento, queixa, existência de diagnóstico e medicação) e, por fim, sobre a família dos clientes (modelo de família e qualidade de participação no tratamento). Os dados foram tabulados, analisados e serão articulados, posteriormente, à luz de fundamentações teóricas de outros trabalhos correlatos à semelhante tarefa de descrever o perfil da clientela que acessa os serviços de psicologia de diferentes Clínicas-Escola do Brasil.

Caracterização da Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA de Ipatinga

A Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA de Ipatinga se localiza na Rua Salermo, nº 299, bairro Bethânia, Ipatinga-MG e funciona durante o período letivo, conforme previsto no calendário escolar, no horário compreendido entre 7h30min. às 19 horas, de segunda-feira à sexta-feira, e entre 8 h às 16 h aos sábados.

O objetivo da Clínica Escola é promover a capacitação dos graduandos, além de propiciar o acesso ao tratamento aos indivíduos que não o podem fazer em consultórios, clínicas e hospitais particulares, pois pertencem a uma classe em situação de vulnerabilidade social.

O estágio desenvolvido na Clínica Escola teve início em maio/2006, pelo curso de Fonoaudiologia. Em agosto/2006, o curso de Terapia Ocupacional e Psicologia iniciaram os estágios curriculares nesta mesma unidade. Em fevereiro/2007, além dos cursos mencionados anteriormente, o curso de Serviço Social passou a utilizar as dependências da clínica para desenvolver um projeto de extensão. Em 2015/1, os cursos que utilizam a clínica escola são: Fonoaudiologia e Psicologia.

O perfil dos usuários de Clínicas-Escola do Brasil: Um breve panorama geral

Maravieski e Serralta (2011) trazem a contribuição histórica, referendando-se em Silveiras et al. (2006), de que o trabalho brasileiro mais antigo sobre a caracterização do público em atendimento ambulatorial de Psicologia data de 1959, autoria de Longhin e Schoenfeldt. Ainda de acordo com as autoras, Ancona-Lopez (1983), após mais de vinte anos, investigou as características de quatro Clínicas-Escola de Psicologia da cidade de São Paulo/SP. A partir desses estudos, houve considerável aumento de

pesquisas que buscam levantar as características da população que acessa o serviço de clínicas psicológicas em instituições de ensino.

Na literatura disponível, são encontrados alguns estudos sobre a realidade de diferentes Clínicas-Escola do país. Esses estudos buscam delinear a população atendida considerando, em geral, dados demográficos, como: idade, sexo, escolaridade, estado civil e informações sobre a estrutura familiar, bem como dados clínicos, como queixas, modalidade de atendimento, número de atendimentos e adesão ao tratamento. (MARAVIESKI & SERRALTA, 2011, p. 483).

De forma conjunta, há uma indicação desses estudos em apontar a alta prevalência da clientela infantil para esse tipo de serviço (OLIVEIRA, 1999; MELO & PERFEITO, 2006 *apud* MARAVIESKI & SERRALTA, 2011, p. 483); de meninos com problemas de aprendizagem e distúrbios comportamentais do tipo externalizante (SILVARES et al., 2006 *apud* MARAVIESKI & SERRALTA, 2011, p. 483); prevalência do sexo feminino (GATTI & JONAS, 2007; ROMARO & CAPITÃO, 2003; ENÉAS, et al., 2000 *apud* MARAVIESKI & SERRALTA, 2011, p. 483); queixas relacionadas à problemas de relacionamento, ansiedade e depressão na fase adulta (PERFEITO & MELO, 2004; ENÉAS et al., 2000 *apud* MARAVIESKI & SERRALTA, 2011, p. 483); altos índices de abandono do acompanhamento psicológico (SILVARES, 2006 *apud* MARAVIESKI & SERRALTA, 2011, p. 483) e uma crescente diversificação de abordagens teóricas (CAMPEZATTO & NUNES, 2007 *apud* MARAVIESKI & SERRALTA, 2011, p. 483).

Em Cunha e Betti (2009), encontramos também dados de pesquisas que respondem à caracterização do público de Clínicas-Escola, corroborando os dados acima e contribuindo com mais informações, como o maior índice de crianças e adolescentes na procura de atendimento psicológico dessas instituições (CUNHA & BETTI, 2009, p. 118); busca elevada da faixa etária infantil de 4 a 14 anos (ROMARO & CAPITÃO, 2003; TÉRZIS & CARVALHO, 1988 *apud* (CUNHA & BETTI, 2009, p. 118).

Silvares e Melo (2000), citados por Cunha e Betti, (2009, p. 119) também anunciam um tipo de perfil infanto-juvenil nas Clínicas-Escola, descrevendo-o como “público de crianças do sexo masculino, entre 6-10 anos de idade, provenientes de família de baixa renda, encaminhadas pela escola com queixas de dificuldade de aprendizagem”.

Amaral, Luca e Rodrigues (2011) realizaram um trabalho minucioso de levantamento de publicações *on-line* sobre experiências em Clínicas-Escola do Brasil. Nos trabalhos relacionados à descrição da clientela, as autoras mostraram que nos atendimentos de uma clínica-escola de uma Universidade Paulista, as mulheres predominaram como clientes e as queixas estavam ligadas à dificuldade diversas de relacionamento, lidar com ansiedades e perdas (ENÉAS, FALEIROS & SÁ, 2000).

De tal modo, infere-se que, ainda que haja um contingente de pessoas que buscam pelo atendimento psicológico em Clínicas-Escola, existe a possibilidade de traçar um perfil que melhor descreva o tipo de público que tem demandado esse serviço. Contudo, ressalta-se como extremamente relevante atentar-se para as singularidades de qualquer pesquisa, levando-se em consideração a realidade social de cada região, os dados particulares e o contexto sobre o qual a análise referente ao público incidirá.

MÉTODO

Esse trabalho constitui-se em uma pesquisa de caráter bibliográfico e de campo, tendo como natureza essencial o aspecto quantitativo, considerado eficaz para apurar e descrever dados, na medida em que abre condições para o levantamento de hipóteses e o conhecimento amplo de uma realidade (GIL, 1999 *apud* CAMPEZATTO & NUNES, 2007).

Participantes

Estagiários clínicos dos 8º, 9º e 10º períodos do curso de Psicologia da Faculdade ÚNICA de Ipatinga-MG que atendiam à clientes na Clínica-Escola da Instituição, no momento em que a pesquisa foi realizada (1º semestre de 2015).

Instrumento

Os autores do trabalho elaboraram em conjunto um questionário semiestruturado (ver Apêndice), contendo questões sobre o estagiário (gênero, idade e abordagem teórica), sobre os clientes (gênero, idade, período de atendimento, fonte de encaminhamento, queixa, existência de diagnóstico e medicação) e sobre a família dos clientes (modelo/estrutura de família e qualidade de participação no tratamento).

Procedimentos

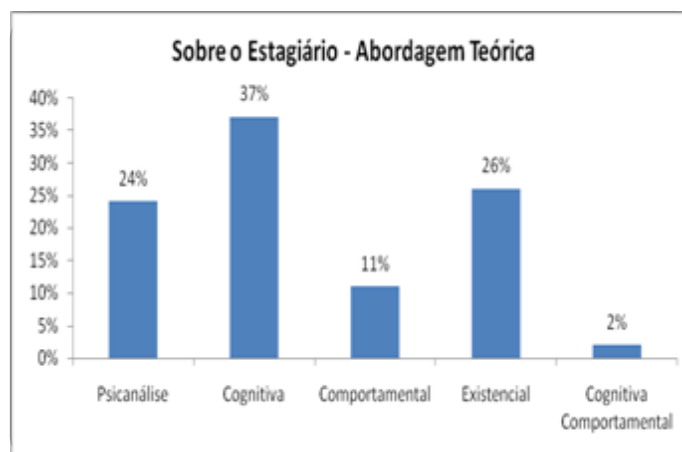
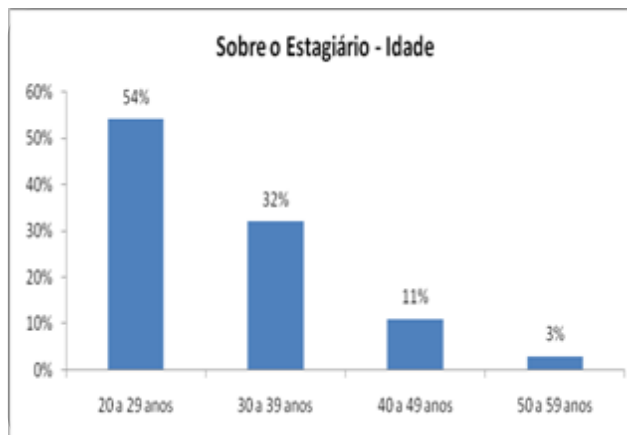
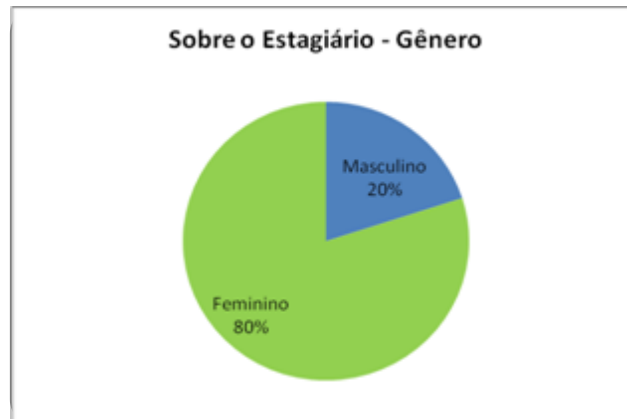
Os dados foram coletados a partir da aplicação dos questionários com os estagiários, sendo aplicados dois questionários para cada aluno, uma vez que na prática dos estágios clínicos atendem-se dois clientes. Os estagiários foram informados da natureza da pesquisa e de seus objetivos, assentindo com a participação via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice). Após a etapa da pesquisa, os dados foram agrupados, tabulados e transformados em estatísticas e posteriormente em gráficos no programa Microsoft Office Excel e estarão dispostos no presente trabalho. Os dados serão apresentados na seção dos resultados, sendo, por fim, analisados à luz de fundamentações teóricas de outros trabalhos correlatos à tarefa semelhante de descrever o perfil da clientela que acessa os serviços de psicologia de Clínicas-Escola do Brasil.

Resultados

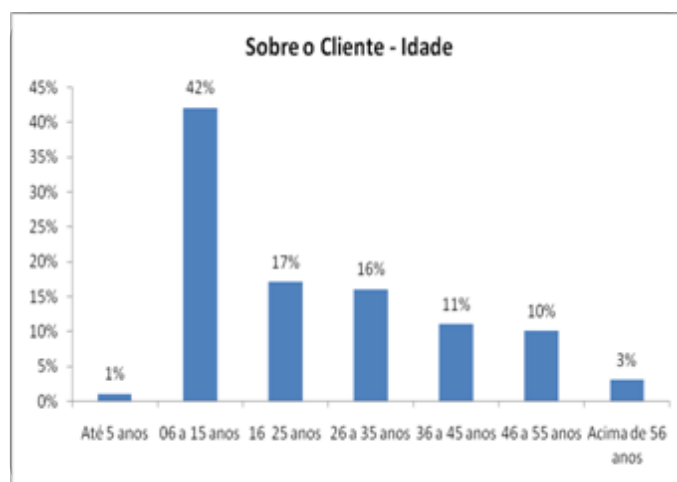
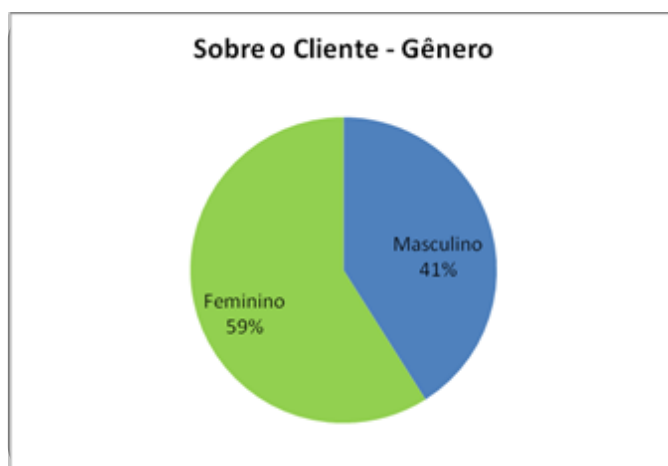
A pesquisa foi realizada com o total de 53 estagiários/alunos do 8º, 9º e 10º períodos do curso de Psicologia da Instituição, sendo possível obter dados de 97 clientes em atendimento na Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA. A não correspondência integral entre o número de estagiários entrevistados e o total de clientes atendidos deve-se a algumas intercorrências e/ou variáveis do estágio do aluno, justificadas por alguns pelo atendimento a apenas um cliente. Além disso, faz-se importante destacar que a amostra dessa pesquisa não reflete o número total de estagiários/clientes da Instituição, uma vez que os autores do trabalho, os quais também são estagiários do 10º período de Psicologia, não responderam ao questionário por uma questão de ética de pesquisa.

Ainda é importante dizer que, embora seja um número ínfimo, poucos estagiários realizam a prática clínica fora da Clínica-Escola da qual se trata.

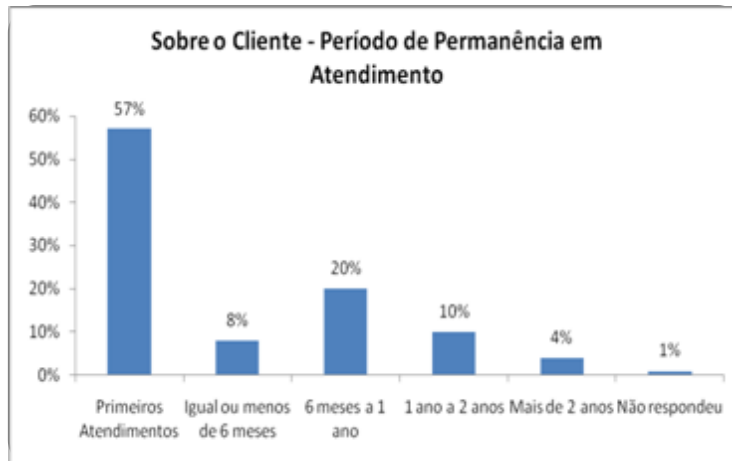
Expostas as condições da pesquisa, apresentaremos a primeira parte dos resultados, sendo esses referentes aos dados dos estagiários. Os dados apontaram que 80% dos estagiários são do sexo feminino e 20% do sexo masculino. Sobre as faixas etárias, prevalecem as idades entre 20 a 29 anos (54%), seguidas de 30 a 39 anos (32%), 40 a 49 anos (11%) e 50 a 59 anos (3%). Em relação às abordagens teóricas, obtiveram-se: 37% - abordagem Cognitiva, 26% - Existencial, 24% - Psicanálise, 11% - Comportamental e 2% intitularam-se adeptos da abordagem Cognitivo-Comportamental.



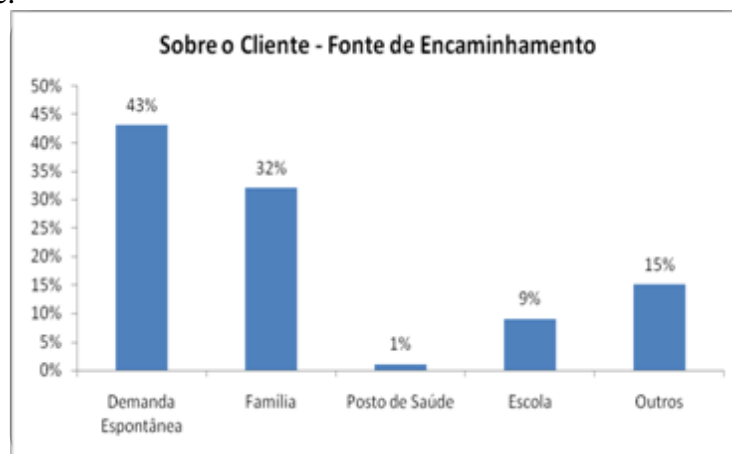
Sobre os clientes. Os dados sobre o gênero apontam para 59% feminino e 41% masculino. As idades também foram estabelecidas por faixas etárias e tem-se como resultados em ordem decrescente ou de maior predominância: 42% possuem de 06 a 15 anos; 17% de 16 a 25 anos; 16% de 26 a 35 anos; 11% estão na faixa de 36 a 45 anos; 10% de 46 a 55 anos; 3% acima de 56 anos e, por fim, 1% indica a existência de clientes com até 05 anos de idade.



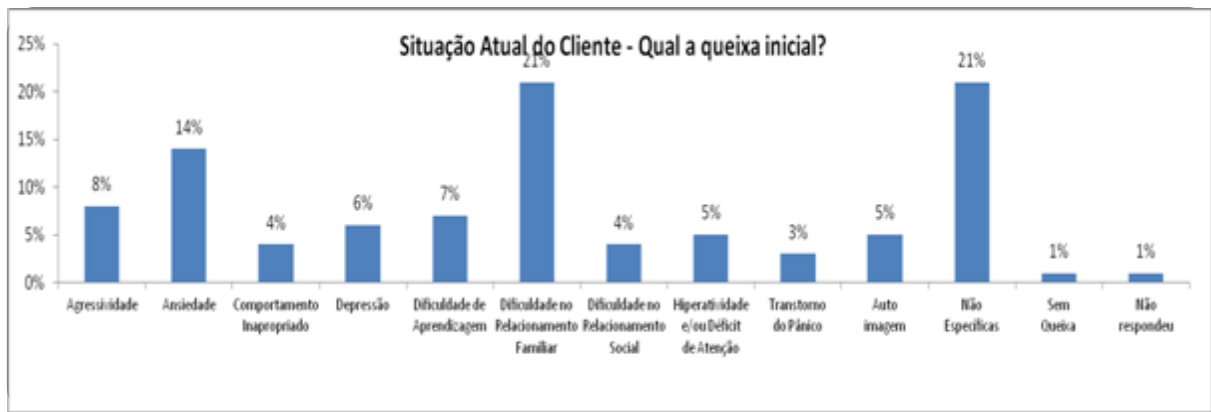
Buscou-se saber o período de permanência em que o público estava em atendimento na Instituição, sendo obtido que 57% estavam nos primeiros atendimentos; 20% encontravam-se em atendimento de seis meses a um ano; 10% de um a dois; 8% igual ou menos de seis meses; 4% há mais de anos e 1% não soube responder esse dado sobre os clientes.



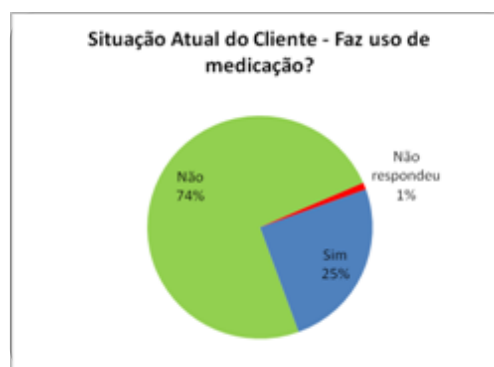
Outro ponto da pesquisa consistiu em investigar de que forma o público chegava ao serviço, isto é, quais eram as fontes de encaminhamentos que destinavam orientações de atendimento psicológico à clientela de modo geral. Foi possível obter os seguintes dados: 43% são de demanda espontânea; 32% são encaminhados pela própria família; 15% são Outros (instituições diversas); 9% são encaminhados pela escola e 1% pelo Posto de Saúde.



Ainda sobre o cliente, buscou-se investigar também sobre a queixa inicial, ou seja, qual era o motivo pelo qual o cliente estava procurando atendimento psicológico. Predominaram-se com 21%, dificuldades no relacionamento familiar e queixas não específicas. Posteriormente, com 14% foi indicada ansiedade, seguida de agressividade (8%); dificuldades de aprendizagem (7%); depressão (6%); hiperatividade e/ou déficit de atenção e problemas com a auto-imagem (5%); dificuldades no relacionamento social (4%), transtorno do Pânico (3%) e não responderam ou sem queixa, ambos com 1%.

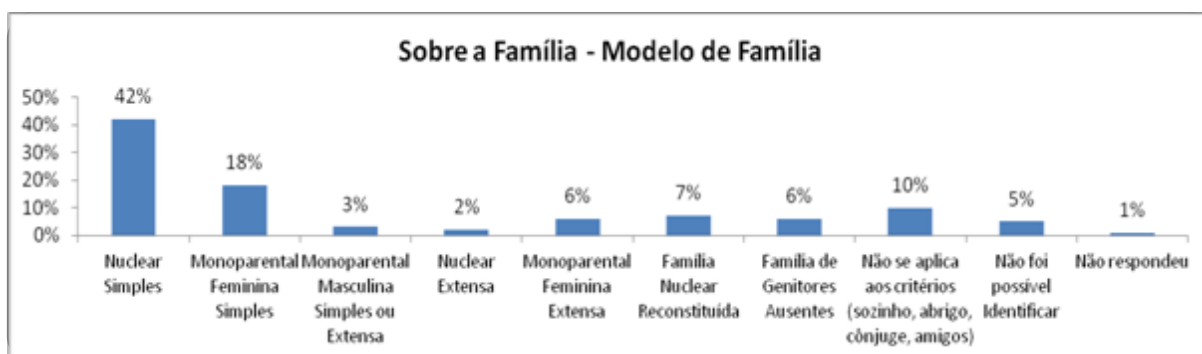


A existência de diagnóstico e medicação fecham essa seção sobre dados particulares da clientela. Em relação ao primeiro, 80% dos clientes, segundo os estagiários, não possuem nenhum tipo de diagnóstico, 19% possuem e 1% não respondeu. Sobre a medicação, estendida a qualquer tipo de uso de medicamento, obteve-se os seguintes valores: 74% não fazem uso de nenhum tipo de medicação; 25% dos clientes utilizam algum medicamento diário e 1% também não declarou resposta a essa questão.



Em nossa análise, colocamos o modelo de família e a qualidade de participação dessa no acompanhamento psicológico como os últimos dados a serem apresentados. Sobre o modelo de família, foi solicitado que os estagiários respondessem de forma a elencar os componentes familiares dos clientes. Os dados obtidos nesse quesito foram analisados e agrupados em conceitos que nomeiam o tipo de família, sendo essas nomenclaturas estudadas pelos autores/alunos na disciplina de Terapia de Família do 10º período do curso de Psicologia.

A seguir serão apenas apresentados os resultados, ficando as explicações reservadas para a parte de discussão dos resultados. Desse modo, em relação ao modelo de família, a realidade dos clientes encaixa-se nos seguintes tipos de famílias: 42% são de família nuclear simples; 18% Monoparental feminina simples; 10% não se aplicam aos critérios (vivem só, em abrigo, apenas conjugue ou com amigos); 7% são de família nuclear reconstituída; 6% foram agrupados em Monoparental feminina extensa; 6% em família de genitores ausentes; 5% não foi identificado pelos estagiários; 3% são de família Monoparental masculina simples ou complexa; 2% de família nuclear extensa e 1% não respondeu.



Finalizam-se as apresentações dos resultados buscando-se investigar a qualidade de participação da família no acompanhamento psicológico de seu membro. Dos dados obtidos, 38% resultaram como boa participação; 23% como ótima, 20% como regular; seguidos de 7% que não responderam; 6% não se aplicam; 4% disseram não haver participação e, por fim, 2% não souberam responder.



Discussão dos resultados

Inicialmente, partiremos da análise dos resultados dos dados sobre os estagiários. Entende-se importante avaliar esse perfil dos futuros profissionais, uma vez que os clientes da Clínica-Escola são atendidos por eles e pelo fato de que a leitura das informações sobre os mesmos representa o perfil do tipo de profissional psicólogo que está se formando na Faculdade ÚNICA de Ipatinga.

O perfil do estagiário da Instituição resultou como a grande maioria sendo do sexo feminino (80%), com prevalência (54%) da faixa etária de 20 a 29 anos de idade, tendo a abordagem Cognitiva como fundamentação teórica e técnica majoritária na amostragem pesquisada (37%).

O número elevado do gênero feminino era esperado, pois a literatura, de forma geral, coloca a psicologia como uma profissão essencialmente feminina (CASTRO,

YAMAMOTO, 1998). Essa característica nos cursos de Psicologia ainda persiste, mas nota-se o aumento de pessoas do sexo masculino na área.

A faixa etária de 20 a 29 anos como predominante revela que os alunos/estagiários têm se inserido cada vez mais cedo na graduação, formando categorias de psicólogos jovens. Os resultados apontaram também que uma pequena parcela (3%) dos estagiários tem entre 50 a 59 anos, o que também tem caracterizado a inserção de pessoas mais velhas, próximas à terceira idade, no Ensino Superior. As outras faixas etárias, 30 a 39 anos (32%) e 40 a 49 anos (11%) consideravelmente formam juntamente com as outras a ideia de que há na prática clínica a existência de estagiários de várias idades, de 20 a 59 anos.

Sobre a abordagem teórica, ainda que a Cognitiva tenha prevalecido (37%), percebe-se a crescente diversificação de outras abordagens (CAMPEZATTO & NUNES, 2007), figuradas num certo equilíbrio entre as abordagens Existencial (26%) e Psicanálise (24%), seguidas, nessa amostragem, pela Comportamental (11%). Houve ainda a autoindicação de que 2% têm como fundamentação a abordagem Cognitivo-Comportamental, podendo considerar, nesses casos, a apropriação pelos estagiários de conceitos e técnicas das abordagens Cognitiva e Comportamental.

Finalizada a parte dos estagiários, adentraremos à seção que diz respeito aos dados dos clientes. Na pesquisa, a questão do gênero delineou que 59% do público atendido é do sexo feminino, colocando, por sua vez, a existência de 41% de clientes do sexo masculino. A predominância do sexo feminino corrobora o resultado de outras pesquisas voltadas ao levantamento do perfil de usuários de Clínicas-Escola, no sentido da proposição de que “geralmente há maior procura de atendimento psicológico pelo sexo feminino” (CAMPEZATTO & NUNES, 2007; MARAVIESKI & SERRALTA, 2011 *apud* SIMÕES, SAMPAIO & OLIVEIRA, et al., s/d).

No que concerne à faixa etária, verificou-se que a população da Clínica-Escola que mais acessa o serviço de atendimento psicológico tem de seis a quinze anos de idade, isto é, crianças e adolescentes representam a clientela principal em atendimento na Instituição. Esse dado também vai ao encontro com os resultados de outros estudos, os quais apontam que “crianças e adolescentes apresentam os maiores índices em relação à procura e ao atendimento psicológico” (CUNHA & BETTI, 2009, p. 118). É preciso considerar também que a significativa procura pela família para atendimento à crianças e adolescentes deve ser vista como um sinal de que dificuldades têm se instalado nas famílias e, por esse motivo, “os pais vêm privilegiando os aspectos emocionais cada vez mais cedo e reconhecem a sua influência no desenvolvimento e crescimento da criança” (AMARAL, LUCA & RODRIGUES, 2012, p. 47), motivando a busca, cada vez mais cedo, pelo psicólogo.

No quesito período de permanência em atendimento, os resultados apontaram que a maioria dos clientes em atendimento (57%) se encontrava nos primeiros atendimentos na Instituição, sendo 8% atendidos há no máximo seis meses e 30% de seis meses a dois anos. O valor de 4% caracteriza o percentual de pessoas atendidas há mais de dois anos, informação que também faz convite a olhares atentos no contexto institucional, uma vez que a permanência prolongada na Clínica pode ser sinal de que algo não vai bem no processo. O maior número de primeiros atendimentos reflete a fluidez dos atendimentos na Clínica-Escola e põe em questão o constante abandono de atendimentos nesse tipo de Instituição. Os estudos sobre a caracterização da clientela das Clínicas-Escola indicam, em conjunto, que há “altos índices de abandono de tratamento” em psicoterapia (LOHR & SILVARES, 2006; LHULLIER et al. 2006 *apud* MARAVIESKI & SERRALTA, 2011, p. 483).

A busca pelo atendimento psicológico, na maioria dos casos, caracteriza-se por ser espontânea (43%). Esse tipo de demanda também pode ser corroborado em dados encontrados por Maravieski e Serralta (2011), que apontam em seus estudos a maior frequência de encaminhamento por busca espontânea. As demais fontes consideráveis nessa pesquisa são da família (32%) e escola (9%). Tais números de demandas dessas duas últimas instituições refletem a extensa indicação de tratamento para crianças e adolescentes e reafirmam o contingente majoritário de crianças e adolescentes em atendimento na clínica sobre a qual se trata nesse estudo.

No que se referem às principais queixas, os dados coletados indicam predomínio de dificuldades no relacionamento familiar e queixas não específicas, ambos com 21%, seguidas de ansiedade (14%), agressividade (8%), dificuldades de aprendizagem (7%) e depressão (6%). Os resultados desses tipos de queixas estão em consonância com outros resultados de estudos sobre a prevalência de queixas em Clínicas-Escola do Brasil, podendo-se citar um estudo de Romaro e Capitão (2003), citados por Amaral, Luca e Rodrigues (2012, p. 42), indicando que as queixas mais frequentes passavam pelas dificuldades de relacionamento, dificuldades escolares, lidar com perdas e ansiedades.

As dificuldades nos relacionamentos familiares nos colocam, enquanto alunos da disciplina de Terapia de Família e futuros psicólogos, atentos para as questões que perpassam a dinâmica das relações nessa instituição, reiterando a necessidade de desenvolver trabalhos com famílias na atualidade. Nos importemos ainda com as dificuldades de aprendizagens e os impasses decorrentes do processo de ensino-aprendizagem, que tem tomado conta dos pedidos de ajuda da escola e da própria família. A realidade da Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA tem nos mostrado esses caminhos a partir do momento em que a escola tem se transformado em grandes direcionadores de seus alunos à psicoterapia.

Ainda como sugestão, poderíamos pensar que para alguns casos o acompanhante terapêutico teria sua importância, no sentido de que, para além da clínica tradicional, essa modalidade de atendimento teria papéis de “complementar a terapia, auxiliar a família e atuar fora do consultório” (LONDERO & PACHECO, 2006). É possível dizer que a prática clínica dos estágios na Instituição apresentam nuances voltadas ao caráter do acompanhamento terapêutico, no sentido de que há um movimento fora do consultório, como as visitas escolares e outras intervenções necessárias.

Por fim, a existência de algum tipo de diagnóstico quando são encaminhados à Clínica e a utilização de medicação foram os últimos pontos sobre os quais buscou-se investigar nessa seção que tange aos clientes. A pesquisa demonstrou que a grande maioria não possui nenhum tipo de diagnóstico (80%) e não faz uso de nenhum tipo de medicação (74%). Em contrapartida, percebeu-se que 19% possuem algum tipo de diagnóstico e 25% fazem uso de alguma medicação. Dos diagnósticos informados, foram relatados alguma relação com quadro depressivo e sobre a medicação foram citados remédios controlados, sem especificações, além de psicofármacos como Rivotril, Fluoxetina, Sertralina e Ritalina.

Inferre-se, a partir desses dados, que há um número considerável de pessoas que passam por intervenções medicamentosas, sendo de extrema importância ao psicólogo reconhecê-las, uma vez que a medicação pode impactar diretamente sobre o tratamento psicológico, bem como cabe a esse profissional, na atualidade, posicionar-se criticamente sobre o excesso de medicação que tem permeado todas as faixas etárias, levando à medicalização da vida.

Adentremos na última seção que fecha os pontos de interesse da pesquisa. Buscamos investigar, além de dados sobre o estagiário e sobre o próprio cliente, a situação da família da clientela pertencente à Clínica-Escola. Para tanto, procurou-se

saber qual o modelo/estrutura da família em que o cliente se inseria e qual era a qualidade de participação dessa no atendimento psicológico do seu ente. Conforme já mencionado, o modelo de família foi agrupado em conceitos estudados na disciplina de Terapia de Família, do 10º período de Psicologia, remetendo a modelos que tentam englobar os diversos arranjos familiares da sociedade contemporânea. Na tentativa de explicação dos termos e de seus resultados, os dados obtidos serão expressos em função da terminologia, consistindo na oportunidade de caracterizar esses modelos e fazer conhecidos os perfis das famílias dos clientes em questão.

O modelo predominante na pesquisa é o de família nuclear simples, com 42%, e reflete à estrutura que possui mãe, pai e filho (s) presentes, não havendo qualquer adulto ou criança (que não sejam filhos) morando no domicílio (AMAS, 1995).

A segunda maior classificação de modelo de família para essa amostragem corresponde ao modelo monoparental feminina simples, com 18%, sendo o seu conceito entendido como família em que apenas a mãe está presente no domicílio, vivendo com seus filhos, podendo ter outros menores sob sua responsabilidade. Não há maiores de 18 anos, que não seja filho, morando no domicílio (AMAS, 1995).

O próximo resultado, com 10%, expressa situações nas quais os conceitos pré-determinados não encaixam, pois tratam-se de clientes que moram sozinho, ou em abrigos, apenas com conjugue ou amigos. Vale ressaltar que, para esse tipo de classificação, a constituição de família é considerada a partir da existência de pelo menos um filho. De qualquer forma, esse dado nos coloca a refletir sobre a improbabilidade e a insuficiência de tentarmos conceitualizar e/ou normatizar fenômenos da natureza humana.

Com 7% temos a informação de que os clientes vivem em família nuclear reconstituída, isto é, fazem parte da família em que o pai e/ou a mãe estão vivendo em nova união, legal ou não, podendo a (o) companheira (o) ter filhos até 18 anos de idade, vivendo ou não no domicílio. Outros adultos também podem viver no domicílio (AMAS, 1995).

As famílias monoparental feminina extensa e de genitores ausentes representam, cada uma, (6%) da clientela atendida. O primeiro modelo diz da família em que apenas a mãe está presente no domicílio, vivendo com seus filhos, podendo ter outros menores sob sua responsabilidade e também com outros adultos, parentes ou não. O segundo modelo representa a família em que pai e mãe não estão presentes, mas existem outros adultos que são responsáveis pelos menores de 18 anos (AMAS, 1995).

Representando 3% da pesquisa, temos a inclusão dos clientes em famílias monoparental masculina simples ou extensa, sendo aquela em que apenas o pai está presente no domicílio, vivendo com seus filhos, podendo ter outros menores sob sua responsabilidade e/ou outros adultos sem filhos menores de 18 anos de idade (AMAS, 1995).

Por último, os resultados da pesquisa demonstram que apenas 2% dos clientes fazem parte do modelo nuclear extensa, caracterizando a estrutura familiar em que pai e mãe estão presentes no domicílio, vivendo com seus filhos e outros menores sob sua responsabilidade, podendo ter outros adultos, parentes ou não do pai e/ou da mãe (AMAS, 1995).

Feito esse panorama geral dos modelos de família, percebemos que para a clientela atendida pela pesquisa, predomina-se o modelo tradicional de família (42% - pai, mãe e filhos), contudo, outros arranjos se fazem presentes e tem ganhado espaço, especialmente, no caso de famílias que possuem apenas a mãe como responsável (24% - monoparental feminina simples mais monoparental feminina extensa) e de famílias nucleares que são reconstituídas (7%) ou de genitores ausentes (6%), sendo essa última

refletora de novas realidades de cuidado, nas quais são tios e avós, por exemplo, os responsáveis.

Cunha e Benetti (2009, p. 122), em referência a Neto e Ferés-Carneiro, (2005) “apontam para as transformações nas configurações familiares que resultam no grande número de crianças que vivem em famílias reconstituídas ou outro arranjo familiar” e esse parece ser o retrato das famílias do público alvo da pesquisa, ainda que o modelo tradicional impere até o momento.

Encerramos nossas análises com a avaliação da qualidade de participação da família no atendimento psicológico. Os resultados mais significativos indicaram que há consideração de que 38% das famílias têm boa participação, seguida de 23% como ótima e 20% regular. De modo geral, somando-se as participações boa e ótima, obtém-se 61% de participação satisfatória no acompanhamento e esse dado pode ser entendido como fundamental para o sucesso do tratamento. As estimativas de participação regular (20%) e não participação (4%) refletem a necessidade de buscar a família para junto do processo psicoterapêutico, consistindo, antes de tudo, em um dado fundamental para o momento do diagnóstico e as intervenções clínicas posteriores. Como a amostragem unificou todas as faixas etárias, para todas as questões, temos um total de 15% das respostas relativas a não aplicação da participação familiar, não conhecimento do estagiário e respostas em branco e essas respostas podem ser compreendidas, no caso dos atendimentos de adultos, em que não se faz necessário o envolvimento da família, tal como se exige em casos de crianças e adolescentes.

A partir desses dados podemos chegar à descrição, não taxativa, do perfil de usuários que tem buscado atendimento na Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA de Ipatinga – MG. Temos, portanto, a indicação de uma clientela atendida predominantemente por estagiários do sexo feminino, de 20 a 29 anos de idade, com maioria na abordagem Cognitiva. Sobre os clientes são predominantemente do sexo feminino, com faixa etária de 06 a 15 anos de idade, estando em primeiros atendimentos, encaminhados espontaneamente, com queixas de dificuldades no relacionamento familiar e outras não específicas, sem diagnóstico, sem utilização de medicação, componente de família nuclear simples, cuja participação é boa ou ótima no processo terapêutico.

Ainda que esses dados permitam levantar e caracterizar o(s) perfil(s) da clientela atendida na clínica, percebe-se, acima de tudo, a grandeza das diferenças e as singularidades trazidas por esse público. Foi possível perceber a grande variedade de características que perpassam desde os estagiários até os clientes e suas famílias. “Desta forma, não há possibilidade de generalização e cada Clínica-Escola pode ser considerada como única e exclusiva” (PERFEITO, 2004 *apud* SIMOES & SAMPAIO et al., s/d).

Considerações Finais

O presente estudo partiu de uma pesquisa a respeito da Clínica-Escola, cujas funções incidem sobre a vida acadêmica do aluno/estagiário, bem como à comunidade que dela se utiliza. Esse pensamento está em consonância com Amaral (2012), quem menciona que os serviços de clínicas-escola se caracterizam como um espaço no qual o estudante de Psicologia entra em contato direto com a atuação profissional do psicólogo. Ressalta-se o valor da clínica não só como um espaço educativo, mas também como garantia de acesso ao serviço de atendimento em Psicologia pela população de baixo poder aquisitivo.

Através da pesquisa foi possível identificar dados clínicos e sociodemográficos dos estagiários, clientes e suas famílias. Nesse sentido, temos a indicação de uma clientela atendida predominantemente por estagiários do sexo feminino, de 20 a 29 anos de idade, com maioria na abordagem Cognitiva. Sobre os clientes são predominantemente do sexo feminino, com faixa etária de 06 a 15 anos de idade, estando em primeiros atendimentos, encaminhados espontaneamente, com queixas de dificuldades no relacionamento familiar e outras não específicas, sem diagnóstico, sem utilização de medicação, componente de família nuclear simples, cuja participação é boa ou ótima no processo terapêutico.

O levantamento do(s) perfil(s) trouxe consigo possibilidades para além da caracterização do público que acessa os serviços da Clínica-Escola. Mais que isso, esse estudo trouxe a oportunidade de percepção da dinamicidade e das singularidades que envolvem a Clínica, cabendo, portanto, aos psicólogos, professores, supervisores, alunos, estagiários, Instituição e comunidade, de modo geral, tomarem a Clínica-Escola como objeto de estudo, pesquisa e intervenções.

Espera-se que esse estudo possa servir como material para avaliação da situação atual da Clínica-Escola da Faculdade ÚNICA de Ipatinga e com ele possam advir decisões que perpassam pela eficiência dos serviços prestados pelo curso de Psicologia na Instituição, em prol da formação coerente do aluno e da oferta de atendimentos qualificados à população. Que outros estudos sobre a Clínica-Escola da referida faculdade também possam surgir, a fim de que novos futuros profissionais da Psicologia conheçam, avaliem, planejem e atuem sobre o público que lhe procura, com a finalidade de integrar ensino, pesquisa e extensão.

Referências

AMARAL, Anna Elisa Villemor et al . Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. **Bol. psicol**, São Paulo , v. 62, n. 136, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 10 abr. 2015.

ASSOCIAÇÃO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – AMAS. **Famílias de crianças e adolescentes: diversidade e movimento**. Belo Horizonte: AMAS, 1995.

CAMPEZATTO, Paula von Mengden; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Atendimento em clínicas-escola de psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 363-374, Set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 abr. 2015.

CASTRO, Ana Elisa Ferreira de; YAMAMOTO, Oswaldo H.. A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 3, n.1, p. 147-158, Junho 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 Abr. 2015.

CUNHA, Tatiane Regina dos Santos; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Caracterização da clientela infantil numa clínica-escola de psicologia. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 59, n. 130, jun. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 abr. 2015.

GAUY, Fabiana Vieira; FERNANDES, Luan Flávia Barufi. Um panorama do cenário brasileiro sobre atendimento psicológico em clínicas-escola. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p. 401-404, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000200016&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 abr. 2015.

LONDERO, Igor; PACHECO, Janaína Thais Barbosa. Por que encaminhar ao acompanhante terapêutico? uma discussão considerando a perspectiva de psicólogos e psiquiatras. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 259-267, Ag. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 abr. 2015.

MARAVIESKI, Silvinha; SERRALTA, Fernanda Barcellos. Características clínicas e sociodemográficas da clientela atendida em uma clínica-escola de psicologia. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, dez. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 abr. 2015.

SIMÕES, Andrea; SAMPAIO, Adriana et al. Clínica-escola de psicologia: caracterização do perfil da clientela atendida. Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Três Lagoas – AEMS, s/d. Disponível em: <http://aems.edu.br/iniciacao-cientifica/download/3ac28c7130.pdf>. Acesso em 29 mar. 2015.